

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte *O Estado de São Paulo*

Class.: *EPNR0023*

Data *4 de Outubro de 1973*

Pg.: *29*



Telefoto Sucursal de Brasília

Os dois Apoena: 24 anos depois o velho cacique se encontra com o filho de Chico Meirelles

# Funai altera as reservas

## Ossada ficará sem inquérito

Da Sucursal de  
BRASILIA

A Funai confirmou ontem que a polícia de Rondônia encontrou a ossada de duas pessoas na região da Serra dos Pakaas-Novos, onde vivem grupos isolados de índios karipunas, mas adiantou que não vai instaurar inquérito para apurar o fato. Todos os moradores da região — comentou uma fonte do órgão — sabem que a serra é habitada por índios arredios e se penetraram nessas terras "sabiam os riscos que corriam".

A informação divulgada ontem em Brasília não aponta os índios karipunas como antropófagos, mas diz que alguns grupos de Rondônia praticam o endocanibalismo, ou seja, comem os mortos da tribo para

adquirirem suas virtudes e dar um corpo à alma.

O chefe da reserva xavante de Pimentel Barbosa, Apoena, de 95 anos, encontrou-se ontem em Brasília com o sertanista Apoena Meirelles, 23 anos, nascido entre os índios que seu pai — Francisco Meirelles, falecido em junho — pacificou nos anos 40. O encontro, muito desejado pelo cacique, foi cheio de emoções. Juntos, os dois visitaram os pontos turísticos de Brasília, mas o chefe índio não quis falar sobre sua viagem ao Rio, onde dirigiu uma cerimônia fúnebre no túmulo de Francisco Meirelles.

O sertanista Apoena, por sua vez, se prepara para ir ao encontro dos avá canoeiros, índios de Goiás. Ele seguirá em direção ao rio Tocantins, enquanto Antonio Praxedes, sertanista que estava encarregado desses índios, vai se deslocar pelo Araguaia.

Da Sucursal de  
BRASILIA

A Funai pretende adotar nova política para a criação de reservas indígenas na área da Perimetral Norte. De acordo com essa política, sempre que for constatada a presença de tribos ao longo da estrada, a área será interditada e, somente após estudo aprofundado, o órgão partirá para a criação da reserva, caso sejam índios de um mesmo grupo, ou parque indígena, se pertencerem a grupos diferentes.

Os técnicos argumentam que a liberação indiscriminada de reservas tem criado diversos problemas, como é o caso do parque indígena do Aripuanã, em Rondônia que, apesar dos seus 3.600.000 hectares, não englobava todos os aldeamentos e postos indígenas existentes na área. Agora, a Funai resolveu reduzir para 1.672.000 hectares a área do parque.

"São vários os casos de áreas indígenas mal distribuídas — afirmam os técnicos. Muitas vezes, reservamos milhões de hectares para pouco mais de uma centena de índios. Isso na teoria é muito interessante, mas na prática, como a Funai conseguirá garantir uma reserva imensa para poucos índios?"

### RAZÕES ECONOMICAS

Justificando a redução da área do parque de Aripuanã, onde vivem mais de cinco mil índios Cinta-Larga, Surui, Gavião e Arara, muitos deles ainda em total isolamento, a Funai explica que o traçado anterior do parque era deficiente e, daí, a necessidade da reformulação.

Apesar das explicações, alguns indigenistas preferem acreditar que as modificações constantes das áreas indígenas decorrem de problemas ligados a interesses econômicos. E em abono dessa tese, os indigenistas afirmam que no parque de Aripuanã existem as maiores reservas de cassiterita de Rondônia. É essa talvez a razão — explicam os indigenistas — para a penetração, ali, de diversas companhias colonizadoras, como a Haporanga.

As decisões para a redução de áreas dos parques nem sem-

pre partem da direção da Funai, que está ligada ao Ministério do Interior, o qual, por intermédio da Sudam e da Sudeco estimula a fixação de empresários na Amazonia. É a razão por que — segundo os indigenistas — a Funai não deveria estar vinculada a um Ministério que cuida diretamente dos interesses de investidores na Amazonia. Para os indigenistas, a assistência aos índios deveria estar sob a responsabilidade da presidente da República ou então de um Ministério da Cultura.

### DUAS POSIÇÕES

Há duas posições, dentro da própria Funai, com relação ao problema das reservas e parques. Alguns defendem a criação de grandes reservas sob a argumentação de que, no futuro, mesmo que a área seja parcialmente ocupada, sobraria um mínimo de terra para garantir a sobrevivência dos índios. Outros acreditam que de nada adianta aprovar no papel áreas fabulosas para os índios, como é o caso das cinco reservas criadas recentemente para os xavantes, as quais, mesmo demarcadas, não poderão ser defendidas pela Funai.

Para os que defendem este ponto de vista, a solução está no estudo sistemático de áreas que atendam às necessidades dos grupos indígenas interessados. Segundo os defensores da segunda posição, antes de tomar qualquer providência, a Funai deveria fazer a seguinte pergunta: De quantos hectares precisa um determinado número de índios para sobreviver? Só depois de responder a essa pergunta, o que naturalmente implicaria um estudo aprofundado das necessidades dos diversos grupos indígenas, a Funai poderia adotar essa ou aquela medida e propor a criação de reservas ou parques.

Ao que tudo indica, a direção da Funai inclina-se por adotar a segunda posição, que deverá ser aplicada na Perimetral Norte, onde já está estudando a interdição de duas áreas no rio Amapari, no Amapá, e na região de Benjamin Constant. Alguns indigenistas argumentam, porém, que a Funai não conseguirá resolver o problema dos índios de Aripuanã pois, quando todos os grupos forem transferidos para dentro do parque, será difícil conseguir a convivência pacífica entre eles.

ADVOCACIA

**Bergo Rodriguez S/C**

R. Mateus Grou, 292, Pinheiros.  
Tel. 282-8221.